

Às vezes pergunto-me o que foi desaparecido primeiro — entre todas as coisas que se eclipsaram da ilha.

“Há muito tempo, antes de nasceres, existiam muitas mais coisas aqui”, costumava contar-me a minha mãe quando eu era criança. “Coisas transparentes, coisas perfumadas... algumas esvoaçantes, outras brilhantes... coisas maravilhosas que nunca poderás imaginar.

“É uma pena que os habitantes da ilha não tenham conseguido guardar coisas tão maravilhosas nos seus corações e espíritos, mas a realidade é essa, aqui. As coisas continuam a desaparecer, uma por uma. Já não falta muito”, acrescentou. “Vais perceber por ti mesma. Alguma coisa desaparecerá da tua vida.”

“É assustador?”, perguntei-lhe, sentindo-me de repente ansiosa.

“Não, não te preocupes. Não dói, nem será muito triste. Certa manhã acordarás e já terá terminado, antes sequer de te aperceberes. Deitada, de olhos fechados, ouvidos atentos, procurando sentir a passagem do ar matinal, sentirás que houve uma mudança em relação à noite anterior e saberás que perdeste alguma coisa, que alguma coisa foi desaparecida da ilha.”

A minha mãe só falava assim quando estávamos no seu ateliê da cave. Era uma divisão grande, empoeirada, de piso áspero, que fora construída no lado norte, tão perto do rio que se ouvia nitidamente o som da corrente. Costumava sentar-me num banquinho reservado para mim, enquanto a minha mãe, uma escultora, afiava um escope, limava uma pedra, e ia falando com a sua voz tranquila.

“A ilha fica inquieta após um desaparecimento. As pessoas juntam-se em pequenos grupos na rua e falam sobre as suas memórias da coisa que se perdeu. Há mágoa, alguma tristeza, e tentamos consolar-nos uns aos outros. Quando se trata de um objeto físico que foi desaparecido, juntamos os restos e queimamo-los, enterramo-los ou deitamo-los ao rio. Mas nunca há grande alarido e tudo esmorece em poucos dias. As coisas depressa voltam ao normal, como se nada tivesse acontecido, e ninguém consegue lembrar-se sequer do que desapareceu.”

Depois ela interrompia o trabalho para me levar até ao velho armário atrás das escadas, com várias filas de gavetinhas.

“Vá, abre a que quiseres.”

Eu demorava um pouco a decidir, observando os puxadores ovais e enferrujados.

Hesitava sempre, pois sabia a variedade de coisas estranhas e fascinantes que havia lá dentro. Ali, naquele lugar secreto, a minha mãe escondera muitas das coisas que tinham sido desaparecidas da ilha ao longo do tempo.

Quando eu por fim decidia e abria uma das gavetas, ela sorria e pousava o conteúdo na palma da minha mão estendida.

“Isto é um género de tecido chamado ‘fita’, que foi desaparecido quando eu só tinha sete anos. Era usado para prender o cabelo ou para decorar uma saia.

“E isto chamava-se ‘sino’. Balança-o — o som é tão bonito.

“Oh, hoje escolheste uma excelente gaveta. Isto é uma ‘esmeralda’ e é a coisa mais preciosa que tenho aqui guardada. É uma herança da minha avó. As esmeraldas são belas e extremamente valiosas, e chegaram a ser as joias mais apreciadas em toda a ilha. Mas a sua beleza foi entretanto esquecida.

“Isto é pequeno e fino, mas importante. Quando se queria comunicar alguma coisa a alguém, escrevia-se numa folha de papel e colava-se este ‘selo’. Depois o nosso papel era entregue no sítio que queríamos. Mas isso foi há muito tempo...”

*Fita, sino, esmeralda, selo.* As palavras que saíam da boca da minha mãe entusiasavam-me, como se fossem nomes de meninas em países distantes, ou de novas espécies de plantas. Enquanto a escutava, sentia-me feliz por imaginar uma época em que todas aquelas coisas tinham o seu lugar aqui na ilha.

Mas era muito difícil fazê-lo. Os objetos na palma da minha mão pareciam aninhar-se ali, absolutamente imóveis, como animaizinhos em hibernação, sem dar sinal. Deixavam-me muitas vezes com uma sensação vaga, como se tentasse recriar as nuvens do céu em plasticina. Quando me encontrava em frente das gavetas secretas, sentia que tinha de me concentrar em cada palavra pronunciada pela minha mãe.

A minha história preferida era a do “perfume”, um líquido translúcido num pequeno frasco de vidro. A primeira vez que a minha mãe o colocou na minha mão, pensei que era uma espécie de água açucarada e quase a levei à boca.

“Não, não é para beber”, exclamou a minha mãe, a rir-se. “Põe-se apenas uma gota no pescoço, assim.” E encostou delicadamente o frasco atrás da orelha.

“Mas porque é que se fazia isso?”, perguntei, atónita.

“O perfume é invisível, mas ainda assim este frasquinho contém uma coisa bastante poderosa”, respondeu-me.

Ergui-o e examinei-o.

“Quando se põe perfume, o cheiro é maravilhoso. É uma maneira de seduzir alguém. Quando era nova, costumávamos usá-lo sempre que saímos com um rapaz. Escolher o perfume certo era tão importante como escolher o vestido certo — queríamos que o rapaz gostasse de ambos. Este é o perfume que usava quando namorava com o teu pai. Costumávamos encontrar-nos num roseiral que ficava na colina a sul da cidade, e foi muito difícil escolher uma fragrância que não fosse dominada pelas flores. Quando o vento fazia esvoaçar o meu cabelo, observava o teu pai para ver se ele tinha reparado no meu perfume.”

A minha mãe ficava mais animada sempre que falava sobre o frasquinho.

“Naquela altura, todos conseguiam sentir o cheiro do perfume. Todos sabiam como era maravilhoso. Agora já não. Não se vende em lado nenhum, e ninguém o quer. Foi desaparecido no outono do ano em que eu e o teu pai nos casámos. Juntámo-nos nas margens do rio com os nossos perfumes. Depois abrimos os frascos e despejámos-os, vendo o seu conteúdo dissolver-se na água como se fosse um líquido sem valor. Algumas raparigas ainda levaram os frascos ao nariz pela última vez — mas a capacidade de sentir o cheiro do

perfume já tinha esmorecido, assim como a memória do que ele significara. O rio ficou a tresandar durante dois ou três dias, e alguns peixes morreram. Mas ninguém pareceu reparar. Tens de entender que a ideia em si de ‘perfume’ também tinha sido desaparecida das suas cabeças.”

Parecia triste quando se calou. Depois sentou-me no colo e deixou-me cheirar o perfume que pusera no pescoço.

“O que achas?”, perguntou.

Mas eu não sabia o que responder. Conseguia perceber que havia uma espécie de odor ali — como o cheiro de pão a torrar ou do clo-ro numa piscina, ainda que diferente —, mas, por mais que tentasse, não me ocorria nenhuma outra ideia.

A minha mãe esperou, mas, quando não respondi, suspirou baixinho.

“Não faz mal”, disse. “Para ti, não passam de gotas de água. Não se pode fazer nada em relação a isso. É impossível recordar as coisas que perdemos na ilha depois de elas deixarem de existir.” E, com estas palavras, voltou a guardar o frasco na respetiva gaveta.

Quando o relógio na coluna do ateliê deu as nove horas, subi até ao meu quarto para dormir. A minha mãe voltou ao trabalho com o martelo e o escopro, enquanto o crescente da Lua brilhava na janela grande.

Quando me deu um beijo de boas-noites, fiz-lhe por fim a pergunta que me incomodava há algum tempo.

“Mamã, porque é que te lembras de todas as coisas que foram desaparecidas? Porque é que ainda consegues cheirar o ‘perfume’ que todas as outras pessoas esqueceram?”

Ela olhou pela janela por instantes, contemplando a Lua, e depois sacudiu o pó de pedra do avental.

“Deve ser porque estou sempre a pensar nessas coisas”, disse, com uma voz quase embargada.

“Não percebo”, retorqui. “Porque é que és a única que não perdeu nada? Lembras-te de tudo? Para sempre?”

Ela baixou os olhos, como se fosse uma coisa triste, por isso beijei-a outra vez para que se sentisse melhor.

Primeiro morreu a minha mãe, depois o meu pai, e desde então tenho vivido sozinha nesta casa. Há dois anos, a ama que tomava conta de mim em pequena também morreu, de ataque cardíaco. Acho que tenho primos que vivem numa aldeia perto da nascente do rio, do outro lado das montanhas a norte, mas nunca os conheci. As montanhas têm encostas cobertas de árvores espinhosas e os cumes sempre envoltos em nevoeiro, por isso ninguém tenta atravessá-las. E, como não há nenhum mapa da ilha — há muito que os próprios mapas foram desaparecidos —, ninguém sabe qual a sua forma precisa, ou o que existe do outro lado das montanhas.

O meu pai era ornitólogo. Trabalhava num observatório no cimo da colina a sul. Passava vários meses por ano aí, recolhendo dados, fotografando as criaturas, e tentando chocar ovos. Adorava visitá-lo e fazia-o sempre que podia — sob o pretexto de lhe levar o almoço. Os jovens investigadores eram simpáticos comigo e mimavam-me com bolachas e chocolate quente.

Costumava sentar-me ao colo do meu pai para observar as criaturas com a ajuda dos binóculos dele. A forma de um bico, a cor das penas em redor dos olhos, a maneira como as asas se mexiam — nada escapava à atenção do meu pai enquanto trabalhava para as identificar. Os binóculos eram demasiado pesados para uma menina tão pequena e, quando os meus braços se cansavam, ele colocava a mão debaixo deles para aliviar o peso. Sempre que ficávamos assim, rosto contra rosto, a observar as aves que levantavam voo, sentia vontade de lhe perguntar se ele sabia o que se encontrava nas gaves.

tas do velho armário no ateliê da minha mãe. Mas, quando estava prestes a falar, lembrava-me do perfil dela a contemplar aquela lasca de Lua pela janela, e nunca encontrava as palavras certas. Contentava-me em transmitir-lhe as instruções da minha mãe para comer o almoço antes que este se estragasse.

Quando chegava a hora de me ir embora, ele levava-me até à paragem do autocarro. Num ponto da estrada em que as criaturas vinham comer, eu costumava parar para esfarelar uma das bolachas que recebera dos assistentes dele.

“Quando é que voltas para casa?”, perguntava-lhe.

“No sábado à noite, creio”, respondia ele, parecendo pouco à vontade. “Não te esqueças de dar um beijo meu à tua mãe.” Acenava-me com tanta força que quase deixava cair o lápis vermelho — ou a bússola ou o marcador ou a régua ou a pinça — que trazia no bolso do peito.

. . .

Creio que foi uma sorte as aves só terem sido desaparecidas após a morte do meu pai. A maioria das pessoas na ilha depressa encontrava um trabalho diferente quando um desaparecimento afetava o seu emprego, mas não creio que tivesse sido o caso do meu pai. Identificar aquelas criaturas selvagens era o seu único verdadeiro talento.

Quando os chapéus foram desaparecidos, o chapeleiro que vivia do outro lado da rua começou a fazer chapéus de chuva. O marido da minha ama, mecânico no *ferry*, tornou-se vigilante num armazém. Uma repariga que estava dois ou três anos à minha frente na escola trabalhava num salão de beleza, mas não demorou muito a arranjar emprego como parteira. Nenhum deles disse uma só palavra acerca do assunto. Mesmo quando ganhavam menos no novo emprego, não pareciam tristes com a perda do anterior. Claro que podiam ter chamado a atenção da Polícia da Memória, caso se tivessem queixado.

As pessoas — incluindo eu — parecem capazes de esquecer quase tudo, como se a nossa ilha só pudesse flutuar sobre uma extensão absolutamente vazia de mar.